

CURT NIMUENDAJU E A LINGUÍSTICA INDÍGENA: PASSADO E PRESENTE

Yonne de Freitas Leite *

CEDI - P. I. B.
DATA 31/12/86
COD. AZD00003

Introdução

Um dos planos que paira constantemente no ar, com idas e vindas mais ou menos intensas e sobre o qual antropólogos e lingüistas unanimemente concordam com sua oportunidade e valor, é o da publicação sistemática da obra de Curt Nimuendaju. A última investida está formalizada em cartas trocadas recentemente entre o Setor de Publicações da Universidade de Brasília e o Departamento de Antropologia do Museu Nacional — depositário da parte inédita, ou melhor, manuscrita, do acervo de Nimuendaju. De certo ou quase certo temos a promessa de publicação pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, por iniciativa do Centro Nacional de Referência Cultural, do Mapa Etno-Histórico, empreendimento esse que se for realmente levado avante constituirá um marco decisivo dessa fase já bastante prolongada.

Porém, quando se fala da publicação dessa obra, todos também concordam que seria necessário um grande trabalho de escolha e sistematização, num trabalho editorial que deveria reunir vários especialistas.

Nesse estado de coisas, nesta sessão sobre "A Contribuição de Eduard do Galvão e Curt Nimuendaju à Etnologia Brasileira", optei, partindo do acervo lingüístico de Nimuendaju e situando-o no seu tempo, por tecer alguns comentários sobre o estado da lingüística indígena hoje e, assim, fornecer alguns subsídios que poderão servir de ponto de partida para a discussão de um plano de divulgação de parte lingüística.

Inicialmente farei uma breve menção ao que já existe de comentários sobre os trabalhos de Curt Nimuendaju para em seguida avaliar o acervo de inéditos depositado no Museu Nacional. Para finalizar, proporei uma série de questões que me parecem imprescindíveis para o início de um diálogo sobre os rumos e política no estudo das línguas indígenas brasileiras e, conseqüentemente, para um projeto de publicação mais lúcido e bem delimitado do acervo de línguas indígenas.

Bibliografia sobre a Obra Lingüística de Curt Nimuendaju

Na introdução usei a expressão "fazer menção" ao que já foi dito sobre a contribuição lingüística de Nimuendaju. A expressão é justa porque os trabalhos são poucos. O mais alentado é o de J. Mattoso Camara Jr. intitulado A Obra Lingüística de Curt Nimuendaju (Publicações avulsas do Museu Nacional nº 29 1959) atualmente esgotado. Nesse levantamento bibliográfico, Mattoso Camara cinge-se à parte já publicada, arrolando e comentando 32 trabalhos. Fora isso tem-se apenas mais duas menções à parte lingüística de Curt Nimuendaju

* Pesquisador - Bolsista do CNPq

ju, ambos de autora dessa Comunicação. Uma é uma breve notícia, publicada na Revista de Antropologia vol. 8 nº 2 de 1960, sobre os manuscritos depositados no Setor de Linguística do Museu Nacional e que consta de um arrolamento e comentários muito superficiais. O outro é uma breve Comunicação feita na V Reunião Brasileira de Antropologia sobre "A Transcrição Fonética de Curt Nimuendaju", em que se cotejam a transcrição por ele usada num vocabulário Tukúna e a usada em material mais recente da mesma língua, numa análise feita por um lingüista muito bem treinado, Ivan Lowe, do Summer Institute of Linguistics.

Dada a existência de um exame um pouco mais minucioso sobre a parte já publicada, julgo mais conveniente deter-me no acervo de manuscritos. Isto porque trabalho de arrolamento pelo modo como foi feito pode vir a dar uma impressão errônea. Alistei, então, sem qualquer análise mais crítica, os pacotes que estavam no Setor de Linguística tal qual haviam sido entregues. A finalidade era dar conhecimento o mais rapidamente possível à comunidade acadêmica para uso dos interessados do material sob nossa guarda. Decorridos 18 anos alguma coisa mais foi feita e cumpre uma atualização.

Análise do material inédito

Uma primeira retificação a fazer é que alguns trabalhos constantes na relação de 1960 como inéditos são rascunhos ou cópias de material já publicado. Fiz, então, uma breve menção a isso incluindo nesse caso apenas a Gramática Xipáya, o material Kuruáya e "algumas línguas Jê". Pode-se acrescentar agora que nesse caso estão, também, o material Tukúna, Mawé, Parintintín, Turiwára, Jurúna, Ntogapíd, Ofayé-Xavânte e Txirângo. No entanto, o material referente às línguas Jê está em sua maior parte inédito em contrário do que se disse em 1960. O que está publicado sobre os grupos Jê é muito pouco em comparação com o número de vocabulário que constam do acervo de inéditos.

Outra retificação a fazer é que em 60, o arrolamento foi feito como já disse, por volume entregue e a reorganização posterior do material revelou que, em muitos casos, tem-se cópias ou várias versões mais ou menos completas de um mesmo trabalho e, não, como se poderia supor, vários trabalhos diferentes sobre uma mesma língua. Isto poderia levar a maximizar o montante do material disponível.

Farece-nos que um meio adguado para se iniciar a análise desse material é primeiro quantitativo, estimado o seu tamanho e, depois, qualitativo, avaliando-se do ponto de vista do tipo de contribuição lingüística. Para dar esse quadro geral usarei apenas os vocabulários referentes a uma língua, deixando de lado os encontrados nas listas comparadas, por serem os primeiros os mais completos e apresentados de modo mais acabado. As listas comparativas são constituídas de poucos itens e algumas estão em forma de rascunho e sua avaliação exigiria um trabalho mais longo, ainda por fazer. Usarei como

base para a apresentação do material a divisão por família ou tronco lingüístico, em vez de uma mera enumeração por ordem alfabética.

O tronco que conta com um maior número de línguas com material ainda inédito é o Macro-Jê. Para os Jê propriamente ditos tem-se 11 vocabulários, a saber Apányekra, Górotire, Kaingáng, Kayapó do Norte, Kre/punkatéye, Pükobte, Rankókamekra, Xavânte, Kerênte. Com a ligação no nível de tronco tem-se Kamakân, Karajá, Kirirí, Fulnió, Maxakali, Pataxó e para a família Eto tocudo, Aranân, Naknyanúk, Minyân-yirún, Nakpié e Nakrehé, totalizando 22 línguas ou dialetos nesse tronco. A seguir vem a família Tupí com material referente a 6 línguas a saber: Apapokúva, Kokâma, Parakanân (com dúvidas de que seja realmente Parakanân) Tenetehára, Wiraféra e Tembê. O material referente a outras famílias de tronco Tupí, como por exemplo Jurúna e Rama-Rama (Itogapid), está publicado. Para o Aruák tem-se material vocabular sobre 5 línguas: Ipurinân, Kayuixâna, Terêna, Xiriâna, Wapitxâna. Vários outros vocabulários Aruák estão publicados no artigo "Idiomas Indigenas do Brasil" na Revista do Instituto de Etnologia da Universidade Nacional de Tucumán (1932). Outra família bem representada é a Tucano para a qual tem-se 7 vocabulários das seguintes línguas: Bahukiwa, Dáxsea, Dyuremáwa, Hehenáwa, Kotédya, Waikíno, Winá. Já para a família Karíbe tem-se apenas vocabulários de 3 línguas: Aparáí, Dejkuâna e Makuxí. Igual número encontra-se para a família Makú com pequenos vocabulários do Húbde, Yehúbde e Dou. Para a família Fuinave tem-se 1 vocabulário do Epinod, para a Txapakúra 1 vocabulário do Urupá e para línguas isoladas tem-se material do Kapixanân e do Mukurú.

Ao todo o material se refere a 42 línguas. Porém não é quantitativa mente homogêneo. É constituído em sua maior parte de vocabulários (há apenas 3 esboços gramaticais do Kokâma, Tembê e Kaingáng), vocabulários esses que variam de tamanho. Seria interessante examinar o tamanho desses vocabulários em relação as línguas menos ou mais documentadas atualmente. Por exemplo, a família Makú é ainda pouco estudada. As pesquisas recentemente iniciadas nesse grupo foram canceladas em virtude da suspensão da licença de trabalho de campo do Summer Institute of Linguistics. Outro caso é a família Tucano. Para ambos os vocabulários das línguas são pequenos: 140 itens para os representantes da família Tucano e 110 para as representantes do Makú. Já para o Aparáí, para o qual se conta hoje em dia com uma boa documentação, tem-se um vasto vocabulário de mais de 1200 itens. A heterogeneidade do tamanho dos vocabulários é compensada por uma certa homogeneidade no tipo de itens vocabulares registrados. Seguiu Nimuendaju a técnica de coleta de palavras-guias (Leitwörter), isto é, termos de parentesco, partes do corpo, coisas da natureza, objetos da cultura material, as vezes, adjetivos, como nomes de cores, verbos de atividades, algumas partículas. Nota-se também uma preocupação em coligir as auto-denominações e as denominações dadas aos outros grupos, assim como nomes de rios e acidentes geográficos.

Do ponto de vista qualitativo cabe falar sobre Nimuendaju lingüista. No trabalho de Mattoso Camara, já mencionado, faz ele, exatamente sob o

título "Nimuendaju Linguista", uma avaliação da obra de Nimuendaju, apontando suas qualidades e suas deficiências. Como qualidades ressalta a preocupação de um registro fiel dos sons e o uso de um método de transcrição, além de recolher o material, em regra, com um informante especificado do qual for nece sempre os dados característicos. Tais predicados, segundo Camara, destacam Nimuendaju de muitos dos pesquisadores de sua época. Como deficiência aponta a limitação da coleta a itens vocabulares, sem uma análise mórfica e com escassas tentativas de análise gramatical. Mesmo a transcrição fonética é por vezes deficiente por não seguir um padrão rigidamente definido e por deixar as vezes de explicar o valor dos símbolos, sendo algumas definições dúbias que tornam difícil identificar o som. A parte gramatical deixa muito a desejar. São apontamentos por vezes desordenados e seguindo as categorias das gramáticas européias. A meu ver as melhores observações gramaticais feitas por Nimuendaju são as referentes ao Xipaya, material esse já publicado.

A preocupação maior de Nimuendaju em sua trajetória é com a etnologia e a lingüística entra nesse quadro como subsidiária. Esse comportamento, sem dúvida, atesta o alto grau de probidade e de exação do etnólogo, pois talvez ele fosse consciente de sua limitação como lingüista, limitação essa expressa por Franz Boas em carta endereçada a Heloisa Alberto Torres em janeiro de 1911 e para qual Castro Faria me chamou a atenção. Escreve Boas: "of course you know about Unkel (Nimuendaju) who is evidently an excellent student of ethnology but also without linguistic training".

Uma outra tônica do material de Nimuendaju são as listas comparativas. Nessas são postas lado a lado os termos comparados, sem maiores explicações do tipo de relacionamento entre as línguas envolvidas. Porém sente-se, por um exame mais minucioso, que não são combinações aleatórias de línguas, mas resumos de possibilidades pensadas de uma filiação. É evidente que seu propósito era de uma classificação genética e, vistas desse ângulo, algumas de suas comparações são bem arrojadas para a época. Se as tivesse levado a cabo poderia comparecer ao próximo encontro da Associação Americana de Antropologia. Por exemplo, há um quadro comparativo em que entram o Apinayé, o Fukobte, o Krapunkatéye, o Rankókamekra, o Xerênte, todas línguas Jê e uma língua Tupí, o Guajajára. Poder-se-ia pensar numa tentativa de estabelecer uma afinidade genética entre o Jê e o Tupí, representado aí pelo Guajajára. A idéia pode parecer arrojada, principalmente se pensada por um antropólogo. Porém foi exatamente esta a proposta de filiação genética que o lingüista Aryon Rodrigues apresentou na Reunião da Associação Brasileira de Antropologia realizada em Recife, em maio do corrente ano, numa Comunicação em que compara o Kaingáng com o Tupinambá. Essa proposta de relação genética será levada à sessão organizada por Ernesto Migliazza sobre afinidades lingüísticas não ainda aventadas que terá lugar no próximo encontro da Associação Americana de Antropologia.

Vê-se, assim, que a falta de treinamento era compensada por uma enorme experiência e muita intuição. Há entre o material inédito uma árvore

reunindo o Nambikuára, o Otokí, o Boróro, o Ofayé, o Maxakalí, o Coroado, o Hamakân, o Fulnió, o Kaingáng, o Jeikó e o Jê propriamente dito, numa filiação que é a aceita hoje em dia para o Tronco Macro-Jê. Esse tipo de relacionamento não é de superfície e transparente porque se trata de uma relação ao nível de tronco e não no de família.

A proibidade profissional de Nimuendaju, porém, foi o que provavelmente o levou a não aplicar essas hipóteses em seu mapa ao qual muito apropriadamente denominou Mapa Etno-Histórico sem qualquer pretensão de uma proposta de classificação lingüística.

Resta saber que limites essas deficiências impõem para uma utilização profícua de seu material por parte de lingüistas e etnólogos.

A Utilização do Material

Uma das críticas feita por Mattoso Camara a Curt Nimuendaju foi que, apesar de sua preocupação de um registro real da fonética, sua transcrição deixa em alguns casos a desejar por falta de indicação do valor do símbolo ou por uma descrição de difícil identificação do som que ele representa. Um dos meios de superar essa desvantagem é fazer com sistematicidade o tipo de trabalho que já mencionei de comparação entre os dados de Nimuendaju e os de um pesquisador mais treinado, a fim de detectar com mais precisão o seu sistema de registro. No Setor de Lingüística do Museu Nacional tem-se procurado seguir a prática de conferir, caso haja, no trabalho de campo, a lista de Nimuendaju da língua em estudo. Foi assim que procederam com proveito Marcio Ferreira da Silva e Ronaldo Leme Louro em seu trabalho de campo entre os Kamayurá e os Jurúna. Já Marília Lopes da Costa Facó Soares trabalhando com o material Kokama e cotejando-o com o de outros pesquisadores pôde estabelecer os limites da transcrição de Nimuendaju e verificar que aí se encontrava registrado um estágio do desenvolvimento da perda de nasalidade vocálica naquela língua. Trabalho mais alentado foi realizado com os dialetos Botocudo por Charlotte Emmerich e Ruth Maria Fonini Monserrat em Sobre os Aimorés. Irens e Botocudos: Notas Lingüísticas, publicado no Boletim do Museu do Índio (Antropologia, nº 3, 1975). Assim após uma reanálise o material é utilizável, por lingüistas desejosos de estudar estágios menos recentes de uma língua ou que queiram alguma informação sobre uma língua pouco documentada. Parece-me, no entanto, de pouca utilidade para antropólogos que procuram um conhecimento da língua para seu trabalho de campo, uma vez que é composto primordialmente de vocabulários e as poucas gramáticas existentes são pouco profundas e de organização deficiente. Um projeto de publicação terá de levar em conta todos esses fatores.

A Lingüística ontem e hoje

Analisando-se o acervo lingüístico de Curt Nimuendaju vê-se logo que sua preocupação primordial era a de registrar o maior número possível de

línguas com uma finalidade não realizada de estabelecer uma classificação. No material publicado nota-se uma preferência em dar conhecimento daquelas línguas menos documentadas e pouco conhecidas. Poderia, assim, participar, além do já referido simpósio da Reunião da Associação Americana de Antropologia, de qualquer programa mais recente de Tarefas Urgentes da Linguística Indígena.

Serão, porém, essas preocupações realmente válidas decorridos trinta anos dentro do quadro atual da Linguística Indígena Brasileira?

Não há dúvida que em termos de línguas documentadas a situação mudou muito. Que o diga o arquivo proveniente do convênio firmado entre o Summer Institute of Linguistics e o Museu Nacional em 1959. Castro Faria em "Dez Anos após a I Reunião Brasileira de Antropologia" (Revista do Museu Paulista n.s. 14, 1963), referindo-se à Linguística, diz que "Talvez em nenhum outro Setor se possa identificar com tanta segurança os marcos que assinalam o progresso realizado nesse decênio". Naquela época acabava de se estruturar o Setor de Linguística do Museu Nacional que contava então com a colaboração de Mattoso Camara e 1 pesquisador e a Linguística tornava-se obrigatória nos currículos das Faculdades de Letras. Hoje há no Setor de Linguística 3 pesquisadores, vários estagiários bolsistas e a Linguística se encontra em nível de curso de pós-graduação em várias Faculdades e Institutos.

Será que houve, porém, uma mudança em termos das preocupações básicas, será que o foco de interesses mudou ou continuam a perdurar os objetivos de Nimuendaju?

Examinando-se os projetos de pesquisas vê-se que a preocupação central não mudou. Quase todos visam a documentar e descrever para também classificar do ponto de vista genético.

Se houve uma mudança quantitativa e qualitativa da documentação linguística temos que assinalar também a mudança ocorrida com as populações indígenas. Charles Wagley relata em seu livro Welcome of Tears como se preparou para a pesquisa Tapirapé lendo gramáticas sobre o Tupinambá. Hoje encontraria os Tapirapé escrevendo suas próprias lendas em Tapirapé e lendo português. A solicitação feita aos linguístas também mudou. São constantemente instados a participarem em programas de alfabetização bilíngüe, a fazerem avaliações de programas educacionais, enfim são chamados para participar de uma política cujas bases cumpre examinar. Testemunho dessa situação é o próximo debate proposto pela Associação Brasileira de Linguística a ser realizado na Reunião da SBPC em São Paulo sobre "Política Linguística e de Educação Indigenista". Aqui longe estamos das preocupações de Nimuendaju e, mais sério ainda, esse estado de coisas não se reflete nas propostas de pesquisa. E aqui deve ser feita uma ressalva: o único projeto que conheço que procura abordar uma problemática diferente é o de Charlotte Emerich em que se propõe a estudar o português de contato desenvolvido no Xingu.

Fico-me a perguntar até que ponto os linguístas estão cônescios dessa sua nova responsabilidade que não se encerra com o arquivamento da descrição

de uma língua ou da publicação de uma gramática.

Devo me deter aqui sob pena de estar avançando noutra tema. Essa incursão é porém inevitável. É quase impossível falar de um passado sem ter como referência o presente e sem se pensar num futuro.